

PERSONAGENS DA LITERATURA INFANTIL: contribuição para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais

CHARACTERS FROM CHILDREN'S LITERATURE: Contribution to the development of social-emotional skills

Camila Costa¹

Marguit Carmem Goldmeyer²

RESUMO: O presente artigo abordará a influência de personagens de livros infantis (suspense, aventura e romance) no desenvolvimento das habilidades socioemocionais em crianças de uma turma do 4º ano de uma escola particular da Grande Porto Alegre. Destacaremos a contribuição da literatura infantil para o desenvolvimento da autonomia e da empatia. As histórias servem como fontes de identificação com os personagens e suas intrigas, vividas nas tramas, e podem ajudar as crianças na resolução de problemas do cotidiano, estimulando-as ao enfrentamento de afetos mais assustadores. Dessa forma, apresentaremos propostas de como esses conflitos podem ser trabalhados a partir das histórias infantis. Tudo isso embasando-se no diálogo promovido com teóricos da área da literatura infantil e dos que se dedicam ao estudo do desenvolvimento das habilidades socioemocionais nos espaços educativos.

Palavras-chave : Personagens infantis. Habilidades socioemocionais. Autonomia. Empatia.

ABSTRACT: This article addresses the influence of characters from children's books (suspense, adventures and novels) in the development of social-emotional skills among children in a 4th grade class of a private school in Porto Alegre. We highlight the contribution of children's literature to the development of autonomy and empathy. The stories serve as sources of identification with the characters, while the twists and turns of the plots may help children in the resolution of everyday problems, encouraging them to face scary emotions. Thus, we present proposals on how such conflicts can be dealt with from the perspective of children's stories, while at the same time drawing upon the work of theorists in the field of children's literature and the development of social-emotional skills in educational spaces.

Keywords: Child characters. Social-emotional skills. Autonomy. Empathy.

1 INTRODUÇÃO

Pela dinâmica vivida no espaço escolar, percebe-se que não são poucos os desafios diários enfrentados pelos educadores: ensinar, estimular para o estudo, para pesquisa, aprendizagem colaborativa, mediar diálogos e, principalmente, zelar pelos princípios da educação humanizadora. Nesse contexto, a reflexão acerca do sig-

nificado do desenvolvimento das habilidades socioemocionais no espaço escolar torna-se fundamental.

As habilidades cognitivas e não cognitivas (também conhecidas como socioemocionais) devem estar inseridas de forma integrada no currículo. Além dos conteúdos definidos pela escola, ligados às diferentes áreas do conhecimento, os alunos precisam aprender a

¹ Graduada em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Ivoti, professora no Instituto de Educação Ivoti. E-mail: camila_las_costa@yahoo.com.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2063564415378923>.

² Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia - São Leopoldo, professora no Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI) e no Instituto de Educação Ivoti. E-mail: marguit@isei.edu.br. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>.

expressar seus sentimentos e, principalmente, a gerenciá-los, e isso só será possível se a escola oportunizar um trabalho voltado para a otimização das habilidades socioemocionais.

Na literatura infantil, encontra-se uma aliada para desenredar as complexas entranhas da dimensão humana. Sua contribuição é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, emocional e psíquico das crianças através do incentivo à fantasia, à imaginação, à identificação com os personagens, à descoberta dos encantos e aventuras no mundo das palavras. O vasto repertório de possibilidades que essa oferece abre diferentes oportunidades para que os professores a explorem de forma criativa, promovendo sentidos na vida das crianças.

Dessa forma, a pesquisa que leva às contribuições do presente artigo procura investigar as possíveis contribuições de determinados personagens dos livros infantis de suspense, aventura e romance para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais dos alunos do 4º ano de 9 a 10 anos.

A investigação foi realizada em um município da Encosta da Serra Gaúcha. Formou-se um grupo focal com 14 alunos de uma turma do 4ª ano de uma escola da rede particular. Foram realizados quatro encontros com a duração de uma hora e meia. Para cada encontro, um cenário diferente foi preparado e um livro da literatura infantil foi trabalhado. Os livros selecionados abordavam diferentes habilidades socioemocionais, as quais foram percebidas, debatidas e em alguns casos vivenciadas pelos participantes do grupo. Promoveu-se, com essa metodologia, a participação ativa das crianças, e percebeu-se muito brilho nos olhos de quem viu suas palavras provocarem perguntas e reflexões.

Nesse contexto, o presente artigo destacará a relevância da literatura infantil como espaço de identificação das crianças com os personagens de livros e o auxílio desses na resolução de problemas da criança como também no desenvolvimento da autonomia e da empatia. Assim, baseando-se na pesquisa teórica e empírica, apresentaremos algumas das muitas contribuições que os personagens dos livros infantis oferecem para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais na vida das crianças de 9 a 10 anos.

2 PELA IDENTIFICAÇÃO COM OS PERSONAGENS INFANTIS: O AMADURECIMENTO PSÍQUICO

Cativar futuros leitores é o compromisso de todos os educadores, amparados e acompanhados pelas famílias. Cabe aos professores pesquisarem sobre o de-

envolvimento dos seus alunos para saber que tipo de leitura podem sugerir ou até mesmo que tipo de obra podem usar em seu planejamento. Eles possuem a tarefa de estimular e oportunizar aos alunos o contato com os livros, de instigar e despertar a curiosidade, o encantamento e a imaginação. Geertz (2001 apud CORSO; CORSO 2011, p. 21) salienta:

Crescer entre narrativas – as próprias, as dos professores, colegas, pais, zeladores e vários outros tipos daquilo que Saul Bellow chamou, certa vez, sarcasticamente, de “professores de realidade” – é o palco essencial da educação: “vivemos num mar de histórias”. Aprender a nadar nesse mar, a construir histórias, entender histórias, classificar histórias, verificar histórias, perceber o verdadeiro sentido das histórias e usar as histórias para descobrir como funcionam as coisas e o que elas são, é nisso que consiste, no fundo, a escola, e além dela toda a “cultura da educação”. O xis da questão, o que o aprendiz aprende, não importa o que o professor ensine, é “que os seres humanos dão sentido ao mundo contando histórias sobre ele – usando o modo narrativo para construir a realidade”. As histórias são ferramentas, “instrumento[s] da mente em prol da criação do sentido”.

É fundamental, ao viver em um mar de histórias, aprender a nadar. Às vezes, nada-se sozinho, em outros momentos, pessoas nos acompanham, mas também existem aqueles que ajudam e ensinam a nadar. O trabalho do professor nem sempre tem um final como nas histórias, e nem sempre o conteúdo desse mar que o professor quer trabalhar atrairá todos os alunos.

As histórias infantis permitem aos leitores identificarem-se com a história, com seus personagens e com os acontecimentos ali expostos. Todavia essas identificações podem não ocorrer em todas as histórias lidas ou ouvidas pela criança. Bettelheim (1980) esclarece quais são os fatores necessários para que uma história prenda a atenção de uma criança:

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro (BETTELHEIM, 1980, p. 13).

As histórias devem despertar a curiosidade das crianças, todavia elas somente enriquecerão as suas vidas se estimularem a imaginação e ajudarem a desenvolver o intelecto. As emoções deveriam tornar-se claras a partir das histórias, do mesmo modo como as dificuldades e as soluções para os problemas precisariam ser reconhecidos, mas isso não é tão fácil, pois as crianças precisam perceber as suas emoções e aprender a não ter medo de encará-las. Esse processo será desencadeado nos momentos em que elas conversam com alguém a respeito ou pelo monólogo que realizam consigo mesmas. Nesse sentido, pode-se concluir que as histórias são importantes no auxílio para sugerir soluções para os problemas que perturbam as crianças, pois mostram que outras pessoas (personagens) também viveram situações parecidas e as enfrentaram.

As crianças identificam-se com o patinho feio, o herói, o inimigo, a princesa, o lobo e acabam sofrendo, torcendo e lutando junto com eles.

A autonomia na busca pela solução dos problemas promoverá a mudança de postura da criança. Ela aprenderá a assumir-se como protagonista da sua história, que, se considerada “patinho feio”, questionará, argumentará e aprenderá as artimanhas de ser cisne pela vida afora, sem esquecer os ensinamentos do “patinho feio”.

No mundo da imaginação, pode-se ir para onde se quiser e não há freios para a capacidade de imaginar. Nesse sentido, a imaginação torna-se um aporte para a resolução de problemas e conflitos internos das crianças. Ataíde (1995, p. 9) ressalta a importância da imaginação ao referenciar que:

O texto produzido com arte – aquele que é, antes de tudo, arte literária – leva à descoberta dos aspectos do mundo que rodeia o leitor, age sobre as forças do intelecto (imaginação, senso estático, descoberta do que vale e do que não vale na vida, descoberta da beleza da palavra e dos valores humanos). Observe que isso não é dado como lição, é descoberto. E, nessa descoberta, outro dado fundamental: o conhecimento obtido através da imaginação.

A imaginação é estimulada por diferentes fatores: pela história contida no livro, sua capa, pelos questionamentos realizados e pelas imagens. Tudo isso desperta a imaginação das crianças, pois a capacidade de inventar não tem limites.

3 HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS: ATRIBUIÇÕES DE SENTIDO AO CONHECIMENTO

Competências e habilidades socioemocionais, habilidades não cognitivas ou hábitos da mente: esses

diferentes nomes designam um tema ainda à espera de definições mais precisas, mas que está em pauta em diferentes congressos, seminários da área da educação e que sinaliza tendências para a educação contemporânea.

As habilidades socioemocionais são uma demanda posta pela educação do século XXI e chamam a atenção para a contemplação do processo de ensino e aprendizagem para além de conteúdos e habilidades cognitivas. Objetiva-se uma educação voltada para a vivência de valores, atitudes e emoções, que coloca o aprendente no papel de protagonismo, participe ativo na aprendizagem. Pelo aprimoramento das habilidades destacadas, os sujeitos estarão aptos a responder aos desafios nos diferentes contextos da vida, já que trabalham a partir do monitoramento e autogerenciamento dos seus desempenhos pessoais e sociais.

A partir da Teoria das Inteligências Múltiplas do psiquiatra Howard Gardner, percebeu-se a relação entre as dimensões das inteligências intrapessoal e interpessoal e as habilidades socioemocionais. Conhecer a si mesmo e a capacidade de lidar com os outros já eram temas debatidos e estão ligadas a habilidades socioemocionais derivadas dessas inteligências, como a empatia, a cooperação e a conscienciosidade.

A seguir, apresentaremos reflexões acerca da empatia e da autonomia como duas habilidades socioemocionais, inseridas na pesquisa e, em vista disso, sugeridas como relevantes para a ação pedagógica no contexto educacional.

3.1 Empatia: o que o outro sente?

Segundo o glossário do site *Educação para o Século 21* (INSTITUTO AYRTON SENNA, 2013): “Empatia é reciprocidade afetiva ou intelectual, compreensão mútua fundamental para a criação de laços de amizade ou de amor. Envolve ações tais como elogiar, perceber os sentimentos dos outros, negociar soluções, oferecer ajuda”.

Para Del Prette e Del Prette (2013, p. 150), enquanto classe de habilidades sociais, a empatia pode ser definida como “a capacidade de compreender e sentir o que alguém sente em uma situação de demanda afetiva, comunicando-lhe adequadamente tal compreensão e sentimento”.

Considerando os significados expostos, constata-se que a empatia é a capacidade de colocar-se no lugar do outro, compreender os sentimentos do outro, sensibilizar-se com as pessoas à volta, construindo laços de respeito e de amizade. Em uma sociedade cada vez mais

individualista, a empatia é ignorada por muitas pessoas que só pensam em si mesmas, que acreditam que não precisam do outro para viver. Del Prette e Del Prette (2013, p. 149) asseguram que:

A importância da empatia é tão grande que a sua falta é vista com um dos fatores de comportamentos antissociais e violentos, uma vez que pessoas não empáticas seriam imunes ao sofrimento e à dor que causam nos demais. Em outras palavras, seriam incapazes de experimentar qualquer desconforto pelo sofrimento que produzem no outro e, por isso, também não se arrependem nem se sentem em dívida pelo que fizeram. Por outro lado, se o agressor consegue apresentar um dos componentes da empatia, como o de tomar perspectiva, colocando-se na situação da vítima, há alta probabilidade de desistência da agressão ou, quando perpetrada, de que manifeste arrependimento e disposição para a reparação.

Se uma pessoa não consegue perceber e respeitar as necessidades do outro, não se arrependerá e nem se preocupará com as consequências de suas ações, acreditará que as suas necessidades e interesses sempre serão maiores do que as dos outros. A empatia exige um exercício constante de colocar-se no lugar do outro para, assim, construir relações respeitadas e solidárias.

3.2 Autonomia

A palavra autonomia desperta diferentes concepções, significados e também sentimentos nas pessoas. Aparentemente, termo de fácil compreensão, mas, quando é palavra-chave na proposta pedagógica da escola, surgem as dúvidas de como abordá-la no cotidiano dos alunos.

Do ponto de vista etimológico, a palavra autonomia tem origem grega, formada pelo adjetivo *autos*, que significa *o mesmo, ele mesmo, por si mesmo*, e pela palavra *nomos*, que significa lei, convenção, competência humana. Assim sendo, sujeito autônomo é aquele capaz de se autogovernar, de assumir-se e de conduzir sua vida com responsabilidade.

Na escola, geralmente compreende-se aluno autônomo como um sujeito ativo, responsável por sua própria aprendizagem, com capacidade de analisar criticamente as informações e de construir seus conceitos e opiniões a partir de conhecimentos prévios. Alguém que trabalha em equipe compartilha conhecimentos, interage com outros e dissemina seus saberes. Todavia, para que ele se torne esse sujeito, precisa receber incentivo e orientação por parte da família e da escola.

Em um cenário de instabilidade, em que o amanhã vem cercado de interrogações, crianças devem ser preparadas para a análise, a investigação e a consequen-

te reflexão antes da tomada de decisões para que possam assumir com segurança suas escolhas, fundamentadas no autoconhecimento de um projeto de vida responsável e solidário. Na visão de Demo (2012, p. 59), a autonomia na escola significa:

Em termos mais concretos, na escola não se aprendem apenas conteúdos. Aprende-se, principalmente, a aprender (habilidades) (DEMO, 2010), ou seja, habilidades de autoria e autonomia que servem para a vida toda, em especial para continuarmos sempre aprendendo, nos desconstruindo e reconstruindo. Não se trata de abandonar ou maltratar conteúdos, porque são indispensáveis. Mas não se pode deixar de investir na capacidade de estudar, argumentar, fundamentar, porque são elas que podem manter viva a pessoa pela vida afora em termos de aprendizagem incessante.

Torna-se evidente que a aprendizagem na escola vai muito além de conteúdos. E essas aprendizagens servem para a vida toda. Os alunos precisam exercer a sua autonomia, e isso deve ser estimulado no ambiente escolar.

4 NO SUSPENSE, NO ROMANCE, NA AVENTURA: NA BAGAGEM A AUTONOMIA E EMPATIA

Para a realização da pesquisa foi formado um Grupo Focal com alunos de uma turma do 4º ano, que se disponibilizaram a participar do mesmo. Os encontros do Grupo Focal ocorreram uma vez por mês durante uma hora e meia. O grupo era formado por 14 alunos, oito meninas e seis meninos, que se autodenominaram “os guardiões dos segredos dos livros”.

Em cada encontro, um livro foi trabalhado e, a partir do tema desse livro, situações foram criadas para explorar algumas habilidades socioemocionais. Um cenário diferente, dependendo do ambiente ou do assunto do livro a ser explorado, esperava pelos alunos.

No primeiro encontro, foram trabalhados os livros *O Menino Maluquinho* e *O melhor do menino Maluquinho em Tudo em Família*, do autor Ziraldo Alves Pinto; no segundo encontro o livro explorado foi *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga Nunes; no terceiro encontro foi trabalhado com o livro *A Boneca de Ossos*, de Holly Black e no último encontro o livro *O Minotauro*, de Monteiro Lobato, foi trabalhado.

No total, seis habilidades/competências socioemocionais foram trabalhadas, sendo elas: resolução de problemas, empatia, cooperação, criatividade, resiliência e autonomia. Essas foram escolhidas por ser habilidades/competências socioemocionais fundamentais no

século XXI e que fazem parte do contexto dos alunos. Neste artigo, trataremos da empatia e da autonomia, enfatizar-se-á como ambas foram sentidas no diálogo das crianças com os livros.

4.1 Abrindo a bolsa amarela, encontrando a empatia

No encontro em que trabalhamos sobre o livro *A Bolsa Amarela*, os alunos foram convidados a colocar-se no lugar do Galo Terrível, que era um animal que teve o seu pensamento costurado por seu dono. Ele só pensava em lutar, pois o dono costurou isso no seu pensamento. Dessa forma, os alunos tiveram que se colocar no lugar do Terrível: se eles fossem o galo, o que gostariam que fosse costurado no pensamento deles? As respostas foram diversas: alguns lembraram da importância da família e dos amigos. Outros disseram que gostariam que fosse costurada a vontade de sempre estudar, de ser feliz e, por fim, de seguir a Deus.

No momento seguinte, os participantes foram convidados a escrever uma carta para Raquel, dando sugestões sobre o que ela deveria fazer para resolver seus problemas. As sugestões foram diversas. Alguns sugeriram aspectos para mudar a relação com a família, muitos elogiaram as características de Raquel, a maioria pediu que ela cuidasse bem da bolsa amarela para não deixar que ninguém a pegasse. Houve quem sugerisse que ela contasse a verdade a seus irmãos e pais e que eles entenderiam o que estava acontecendo. Alguns relacionaram os conflitos de Raquel com seus irmãos. Nikki sugeriu:

Querida Raquel, acho você muito legal! Eu gostaria de dizer que eu também não me dou muito bem com os meus irmãos! Mas às vezes é só conversar com eles sobre algo que eles gostem! Para mim ajuda. Você deveria ser feliz em ser menina! Além do mais, as meninas são bem mais legais que os meninos!! Por que você tem vontade de crescer?! Tem que aproveitar enquanto é criança. Outro dia eu perguntei a minha mãe se ela preferia ser criança ou adulta e ela disse criança! Acho que você será uma ótima escritora! Beijos, Nikki!!

Compreendemos a partir da carta escrita de Nikki sinais de como se dá sua relação com os irmãos. Além disso, ela destacou claramente as vontades que a Raquel tinha e, do seu ponto de vista, criou sugestões para auxiliá-la em suas escolhas.

Na próxima atividade, elaborou-se, em conjunto, um mapa conceitual sobre como se pode construir um mundo melhor. Percebe-se que a maioria das respostas

ficou na questão ambiental; alguns alunos conseguiram ir além da questão ambiental, relatando sobre o comportamento das pessoas, que deveria ter menos violência e que as pessoas deveriam ser mais gentis.

Sobre o que poderia ser a luta para melhorar o ambiente escolar, notamos que os protagonistas tiveram um pouco de dificuldades para se posicionar. As respostas deles ficaram em torno de: incentivar os alunos a estudar mais, que as brigas deveriam parar e que os maiores não poderiam namorar na frente das crianças. Todos concordaram que não deveria ter mais brigas na escola, que isso prejudica as atividades, o momento do recreio e as amizades. A maioria disse que, quando os maiores virem os menores passando pelo corredor, deveriam parar de namorar, pois ninguém gosta de ficar olhando, e é nojento ver os outros se beijando.

4.2 Os personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo: autonomia e empatia

A partir do enredo do livro *O Minotauro*, de Monteiro Lobato, foram criadas situações-problema para os participantes responderem, explorando diferentes habilidades socioemocionais.

Na primeira pergunta realizada: “Se vocês fossem viajar para um país desconhecido como se organizariam?”, constatamos que a maioria levaria algo pessoal como: comida, dinheiro, vestimenta, celular, GPS, câmera, lembranças da família, algo para dormir. Outros foram além e levariam algo para movimentar-se mais rapidamente, saberiam comunicar-se na língua daquele país, levariam um amigo e levariam uma tradutora.

Alguns participantes preocuparam-se somente com o que comeriam, vestiriam e vivenciarão, e outros já conseguiram ser mais críticos e explicaram que só poderiam aproveitar bem a viagem se soubessem comunicar-se na língua daquele país, pois assim poderiam fazer amizades e compreender o que está sendo falado. Outros já desejavam levar alguém junto para fazer companhia para não se sentir sozinhos. Houve ainda aqueles que disseram que pretendiam levar uma guia ou uma tradutora e assim poderiam conhecer mais lugares e entender a forma de comunicação daquele lugar.

Quando os participantes foram questionados sobre “o que fariam se estivessem em um país desconhecido e não soubessem para onde ir”, alguns afirmaram que fariam um curso para aprender o idioma e assim poderiam comunicar-se com as pessoas. Outro afirmou que falaria inglês, já que é uma língua que a maioria fala e compreende, mas alguns voltariam para casa ou trabalhariam em algum local para juntar dinheiro e, dessa

forma, poderiam voltar para casa. Percebe-se que alguns conseguem pensar além de uma solução simples, outros imaginam mais e, por vezes, disseram algo que na realidade não poderia ser realizado. Entretanto podemos perceber que a maioria precisaria de outra pessoa ou de algum recurso para resolver a situação.

Para explorar mais a questão da resolução de problemas e a autonomia necessária para tal, os alunos tiveram que responder sobre “o que fariam se estivessem nesse país estranho e não conseguissem compreender a língua que as pessoas falavam e se nem elas compreendessem a deles”. Os participantes explicaram que já saberiam a língua desse país ou chegariam lá e buscariam auxílio em um cursinho, na internet ou até mesmo no dicionário.

Para explorar o tema da autonomia, os alunos tiveram que responder “o que Pedrinho faria para se organizar para um trabalho?”. Os participantes responderam a partir do que eles próprios fariam. Assim, formariam um grupo e pesquisariam em livros, internet, biblioteca e, por fim, fariam jogos para revisar o que estudaram. O participante Zac Power 2 explicou o que Pedrinho faria: “Ele iria chamar a Emília e o Visconde e se meteriam em uma aventura e juntos estudariam”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada vez mais, a sociedade mostra-nos que as emoções, valores e relações precisam ser trabalhadas e que há alunos que não lidam bem com as emoções, e consequentemente a aprendizagem é afetada.

As habilidades socioemocionais dizem respeito a atitudes e habilidades que possuímos para controlar emoções, alcançar objetivos, relacionar-nos de maneira saudável com a sociedade, demonstrar nossos sentimentos e tomar decisões de forma equilibrada.

Estamos sempre (re)aprendendo e desenvolvendo-as. Precisamos praticá-las e também podemos ensiná-las. É um processo de formação integral e contínuo.

Nesse sentido, o trabalho que deve ser desenvolvido com as habilidades socioemocionais não vem para ser articulado de forma isolada como um conteúdo. Ele não quer ocupar o lugar das habilidades cognitivas; a intenção é interligá-las e tecer uma aprendizagem significativa a partir dessa relação. Na verdade, as habilidades socioemocionais dão o aporte para o desenvolvimento das habilidades cognitivas. Crianças que aprendem a cooperar, que conversam sobre conteúdos, aprenderão com muito mais facilidade. Saber resolver problemas

com cautela, fazendo uso dos saberes de diferentes áreas, respalda uma fundamentação baseada em conhecimentos teóricos. Esses são apenas alguns exemplos de como habilidades socioemocionais e cognitivas estão interligadas na ação pedagógica.

O processo de ensino e aprendizagem que desencadeará o desenvolvimento das habilidades socioemocionais deve ser realizado nas diferentes áreas do conhecimento e em diferentes contextos. Entretanto, para que isso ocorra, os professores precisam desejar a promoção de mudanças, colocando em prática um trabalho em que as habilidades socioemocionais estejam entrelaçadas com a metodologia a ser utilizada.

O papel do professor como mediador é fundamental nesse processo na medida em que questiona e busca outras formas para envolver esse aluno que não está conseguindo se expressar.

REFERÊNCIAS

- ATAÍDE, Vicente de Paula. **Literatura infantil & ideologia**. Curitiba: HD Livros, 1995.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BLACK, Holly. **Boneca de ossos**. Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2014.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **A psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia**. Porto Alegre: Penso, 2011.
- DEL PRETTE, Zilda A. P.; DEL PRETTE, Almir. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- DEMO, Pedro. **O mais importante da educação importante**. São Paulo: Atlas, 2012.
- INSPIRARE INSTITUTO; PORVIR; INSTITUTO AYRTON SENNA. **Série Diálogos: o futuro se aprende**. São Paulo, 23 set. 2014. Disponível em: <<http://www.porvir.org/especiais/socioemocionais/>>. Acesso em: 26 set. 2015.
- INSTITUTO AYRTON SENNA. **Educação para o século XXI: glossário**. 2013. Disponível em: <<http://educacaosec21.org.br/glossario/>>. Acesso em: 30 nov. 2015.
- LOBATO, Monteiro. **O Minotauro**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2011.
- NUNES, Lygia Bojunga. **A bolsa amarela**. 26. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1994.
- ZIRALDO. **O menino maluquinho**. 28. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1980.
- _____. **Tudo em família**. São Paulo: Publifolha, 1998.